

# Contributo para o Conhecimento do Património Arqueológico do Concelho de Sousel<sup>1</sup>

Leonor Rocha<sup>2</sup>

## 1. Introdução

ESTE levantamento resulta dos dados existentes no PDM de Sousel, realizado em 1995 por Manuel Calado, e dos dados existentes na bibliografia e base de dados do Ministério da Cultura (Endovélico).

As referências bibliográficas são, para este concelho, inexplicavelmente escassas, quando comparadas com os concelhos vizinhos. Dos oito sítios referenciados, alguns deles não foram passíveis de relocalização nos nossos dias. Este tipo de situação ocorre, na maior parte dos casos pelo desaparecimento do topónimo (ou micro-topónimo) de referência – é o caso do sítio referenciado como Vale de Junça que talvez corresponda ao actual Vale de Junco, localizado junto do Almadafe, ou o sítio de São Pedro ou ainda pertencer actualmente a outro concelho.

Os trabalhos de campo realizados em 1995<sup>3</sup>, com vista ao PDM, procuraram não só relocalizar os sítios conhecidos na bibliografia mas também proceder a alguns trabalhos de campo.

Naturalmente que para ordenar o território e proteger, valorizar ou rentabilizar o património arqueológico existente num concelho é necessário que exista um inventário. A planificação e a gestão do património arqueológico requer, como seria de esperar, uma base de dados minimamente significativa o que, para o caso de Sousel, nunca foi feito, uma vez que não existe nenhum estudo de conjunto (Carta Arqueológica).

## 2. Metodologia

O trabalho arqueológico de prospecção realizado no concelho de Sousel, em 1995, foi manifestamente escasso (cerca de 20 dias), atendendo à dimensão do território e ao seu potencial científico. Na realidade, o PDM é um IGT que se quer o mais exaustivo possível, de modo a que se possa gerir correctamente o património existente.

A metodologia utilizada, na elaboração deste inventário arqueológico privilegiou:

- o registo do maior número possível de sítios, em função do tempo disponível;
- a relocalização de sítios já referenciados e a recolha de informação oral;
- a criação de uma base de dados.

O tempo investido na prospecção arqueológica para um trabalho deste tipo deveria ser organizado ao longo de todo o ano de modo a cobrir as várias estações do ano, as variabilidades de ocupação/visibilidade dos solos. No caso de Sousel, com um território com características

---

<sup>1</sup> Inclui algumas das considerações apresentadas por M. Calado, nas Jornadas.

<sup>2</sup> Arqueóloga. UNIARQ(FLL). Universidade de Évora. lrocha@uevora.pt.

<sup>3</sup> A signatária integrou a equipa que realizou os trabalhos de prospecção arqueológica, dirigidos por Manuel Calado, em 1995.

diversificadas, em termos de capacidade de uso agrícola e do tipo de culturas praticadas, os trabalhos de campo deveriam ter sido realizados num período de tempo muito mais longo – entre dois a três anos – de forma a ultrapassar os obstáculos em termos de visibilidade dos solos e a poder realizar-se um contacto mais efectivo com a população rural, detentora de uma memória cultural imprescindível neste tipo de levantamentos.

Os sítios então identificados (ver mapa) foram registados numa base de dados, com vários campos: **número** de ordem (que corresponde à numeração dos sítios na cartografia do PDM, na Esc. 1:25 000), **designação** (que pode corresponder ao topónimo cartográfico mais próximo ou a um micro topónimo, caso exista), o **tipo**, a **cronologia** e uma breve **descrição** do sítio.

### 3. Catálogo

#### 1. Anta do Mariano.

Monumento megalítico. Neolítico/Calcolítico.

Monumento funerário pré-histórico, muito destruído, com três esteios de gabro, mais ou menos *in situ*; a anta encontra-se parcialmente coberta por um silvado, o que impossibilitou uma descrição correcta da sua estrutura.

#### 2. Banamar.

a) Achados Dispersos. Pré-história. Percutores de quartzo;

b) Habitat. Época Romana/Medieval. Vestígios de habitat com cerâmica de construção e comum, dispersos ao longo de um topo alongado, com excelente visibilidade sobre a área envolvente, sobretudo a SE.

Sítio interessante para a compreensão da ocupação Romana e Medieval da região; note-se que Banamar é um topónimo de origem árabe, relacionável com os topónimos Almadafe, Aravia ou Francaria, por exemplo, todos eles referenciados na região.

#### 3. Olival das Freiras.

Sepulturas. Época Romana/Medieval.

Conjunto de três sepulturas (romanas ou medievais), definidas por lajes de xisto. Actualmente destruídas. Informação oral não confirmada.

#### 4. Zambujeira 3.

Habitat. Época Romana/Medieval.

Vestígios de habitat com cerâmica de construção e comum.

#### 5. Zambujeira 2.

Achados Dispersos. Pré-história.

Percutores de quartzo.

#### 6. Turca

Silos. Época Medieval.

Dois silos escavados na rocha, actualmente entulhados. Informação oral não confirmada.

#### 7. Monte do Rabadão.

Silo. Época Medieval.

Silo escavado na rocha, actualmente entulhado. Informação oral não confirmada.

#### 8. Alcatruz.

Silo. Época Medieval.

Silo escavado na rocha, actualmente entulhado. Informação oral não confirmada.

#### 9. Pombo.

Silo. Época Medieval.

Silo escavado na rocha, actualmente entulhado. Informação oral não confirmada.

**10. Represa.**

*Uilla.* Época Romana.

*Uilla* romana constituída por vários núcleos com solução de continuidade. Com base nas prospeções de superfície, foram identificados núcleos distintos. O núcleo mais oriental, junto ao qual se localiza uma pequena represa (que provavelmente deu o nome à herdade) talvez de origem romana, embora com reconstruções posteriores. O núcleo mais ocidental, definido em redor das ruínas do Monte da Represa destaca-se pela abundância de silhares de granito. Junto deste núcleo existe uma pequena ponte romana, razoavelmente bem conservada. Informações orais recolhidas junto dos trabalhadores rurais da herdade, teriam sido encontrados nos trabalhos agrícolas, os restos de uma conduta de água, que ligava a uma nascente muito caudalosa, situada nas proximidades da ponte e do núcleo oriental.

Recolheram-se fragmentos de cerâmica comum, ânforas, *terra sigillata* e *dolium*; anotou-se a presença de grandes concentrações de cerâmica de construção (*lateres, tegulae e imbrices*).

**11. Abrunheiras.**

Sepultura. Época Romana/Medieval.

Sepultura delimitada por lajes de xisto. Actualmente destruída. Informação oral não confirmada.

**12. Chaparral.**

Ponte. Época Indeterminada.

Ponte de xisto que aparece referida como ponte romana. Os elementos arquitectónicos existentes não permitem confirmar esta atribuição cronológica tratando-se, muito provavelmente de uma ponte medieval/moderna.

**13. Albardeira 1.**

Habitat. Época Romana/Medieval.

Vestígios de habitat com cerâmica de construção e comum.

**14. Anta da Cabeça da Ovelha.**

Monumento megalítico. Neolítico/Calcolítico.

Monumento funerário pré-histórico, constituído actualmente por 5 esteios de xisto, um dos quais fracturado. O esteio maior atinge uma altura de 1,90m acima do solo e o diâmetro máximo da câmara é de cerca de 3,35m. Não se reconhecem vestígios do corredor, embora a disposição dos esteios da câmara indiquem que a entrada se orientava a Leste. No interior da câmara observa-se o afloramento natural, o que indica uma escassa potência arqueológica. Escavada por Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1914).

**15. Albardeira 2.**

Habitat. Época Romana/Medieval.

Vestígios de habitat com cerâmica de construção e comum.

**16. Carapelha.**

Habitat. Época Romana/Medieval.

Vestígios de habitat com cerâmica de construção e comum.

**17. Mariano.**

Recinto. Idade do Ferro/Época Romana.

Recinto quadrangular constituído por blocos ciclópicos de gabro, sem qualquer afeiçoamento. Mede cerca de 12,50m x 17,50m e apresenta uma altura máxima conservada de cerca de 2m. Recolheram-se, no exterior do recinto, materiais romanos republicanos, nomeadamente fragmentos de ânforas e cerâmica campaniense, para além de materiais de tradição sidérica.

Para além das semelhanças a nível arquitectónico o conjunto artefactual recolhido no Mariano possui alguns paralelos na área de Évora (nomeadamente com alguns muito bem conservados, como o Castelo do Mau Vizinho, ou o Cabeço dos Mouros, também com grandes blocos ciclópicos) e na província de Badajoz, na comarca de La Serena. Este tipo de recintos

encontram-se identificados a nível do Alentejo Central (Calado, 1994-1995; Mataloto, 2002) mas não se encontram devidamente caracterizados uma vez que não foram intervencionados.

**18. Capela.**

Habitat. Necrópole. Época Romana.

Vestígios de habitat (cerâmica de construção e comum) e de necrópole romana.

Informação oral não confirmada.

**19. Azenha dos Condes.**

Habitat. Época Medieval ou posterior.

Vestígios de habitat com cerâmica de construção e comum.

**20. Falcatos.**

Arte Rupestre. Pré-história.

Painel decorado com «covichas» na parede de um afloramento vertical, virada para a ribeira de Ana Loura.

**21. Pegadas do Diabo.**

Santuário. Proto-história.

Santuário constituído por 3 painéis decorados com motivos podomorfos (pegadas) e «covichas». As “pegadas” orientam-se, à excepção de uma, como se tivessem saído da ribeira em direcção ao Castelo de Gusmão.

A proximidade deste povoado e a temática decorativa das gravuras sugerem uma cronologia dentro da Idade do Bronze.

**22. Castelo do Gusmão.**

Povoado. Calcolítico.

Vestígios de povoado com cerâmicas manuais, barro de cabanas, mós e percutores; talude relativamente bem conservado o que atesta a existência de muralhas em bom estado de conservação.

No Plano Director Municipal foi classificado como tendo também uma ocupação da Idade do Bronze, o que não foi confirmado nas visitas realizadas posteriormente ao local.

**23. Madalena.**

Povoado. Pré-história.

Vestígios de povoado com elementos de mó manuais e artefactos de pedra polida; estrutura de difícil atribuição cronológica e funcional, definida em torno de um afloramento, integra dois “esteios” de xisto.

**24. Sardo.**

Achado Isolado. Pré-história.

Percutor de quartzo.

**25. Maria Rosa.**

Povoado. Pré-história.

Vestígios de povoado pré-histórico (machado de pedra polida, elemento de mó e percutores).

**26. Retorta.**

Achado Isolado. Pré-história.

Movente de mó manual.

**27. Pedra da Moura.**

Santuário. Época Indeterminada.

Grande afloramento de xisto, localizado num dos troços mais abruptos da margem direita da ribeira do Almadafé. Apresenta, do lado NW, uma cavidade triangular, com vestígios de afeição onde, segundo a tradição, habita uma moura encantada. Sem materiais arqueológicos.

**28. Barroca Nova.**

Sepulturas. Época Romana/Medieval.

Conjunto de duas sepulturas (romanas ou medievais), definidas por lajes de xisto. Actualmente destruídas. Informação oral não confirmada.

**29. Olival da Raposeira.**

Silo. Época Medieval.

Silo escavado na rocha, actualmente entulhado. Informação oral não confirmada.

**30. Casa Branca.**

Silo. Época Medieval.

Silo escavado na rocha, actualmente entulhado. Informação oral não confirmada.

**31. Vinhas Velhas.**

Silo. Época Medieval.

Silo escavado na rocha, actualmente entulhado. Informação oral não confirmada.

**32. Quinta da Boa Vista.**

Silo. Época Medieval.

Silo escavado na rocha, actualmente entulhado. Informação oral não confirmada.

**33. Malhada da Caeira.**

Silo. Época Medieval.

Dois silos escavados na rocha, actualmente entulhados e semi-destruídos e um terceiro bem conservado.

**34. Azenha da Violante.**

Achado Isolado. Pré-história.

Seixo afeiçãoado de quartzito.

**35. Azenha do Zambujeiro 2.**

Habitat. Época Medieval/Moderna.

Vestígios de habitat com cerâmica de construção e comum.

**36. Azenha do Zambujeiro 1.**

Habitat. Época Romana/Medieval.

Vestígios de habitat com cerâmica de construção e comum.

**37. Azenha do Zambujeiro 3.**

Achado Isolado. Pré-história.

Movente de mó manual.

**38. Álamo.**

Povoado. Pré-história.

Vestígios de habitat pré-histórico (percutores, seixos afeiçãoados de quartzito e elementos de mó, entre os quais um dormente quádruplo).

**39. Torre de Camões.**

*Uilla*. Época romana.

Ruínas de torre renascentista e aqueduto; vestígios de *uilla* romana dispersos entre o Monte do Álamo e a torre (cerâmicas de construção e comuns, *terra sigillata*, ânforas e *dolium*).

#### 40. Cano.

Achado Isolado. Pré-história.  
Seixo afeiçoado de quartzito.

#### 41. Cemitério do Cano.

Silo. Época Medieval.

Dois silos escavados na rocha parcialmente entulhados. O silo mais a Sul apresenta-se muito bem conservado e coberto por uma “tampa” de calcário.

#### 42. D. João 2.

Sepultura. Época Medieval.

Sepultura escavada na rocha. Informação oral não confirmada.

#### 43. D. João 1.

Achado Isolado. Pré-história.

Machado de pedra polida.

#### 44. S. Bartolomeu.

Povoado. Bronze Final.

Extenso povoado fortificado. É visível, ao longo de todo o perímetro do cabeço, um talude que corresponde às ruínas do antigo circuito defensivo; nalguns pontos observam-se mesmo dois taludes concêntricos; recolheram-se cerâmicas manuais características deste período (grandes pegas horizontais, carenas de ombro e formas de perfil em “S”), percutores, elementos de mós manuais, pedra polida, sílex, etc.

Este povoado integra um conjunto de grandes povoados do Bronze final do Alentejo Central (Calado e Rocha, 1996-1997), de que faz parte o castelo de Arraiolos, o S. Gens e o Castelo (Serra d'Ossa), – recentemente intervencionados por Rui Mataloto (Mataloto, 2005). Trata-se de sítios que se localizam em locais elevados, com um sistema defensivo natural e artificial, com bom domínio visual sobre a área envolvente e com áreas que rondam os 10 hectares em média – no caso do São Bartolomeu entre os 8 e os 10 hectares.

Em vias de destruição devido à pedreira.

#### 45. Gião.

Povoado. Pré-história.

Vestígios de habitat pré-histórico com cerâmicas manuais, machado de pedra polida, elementos de mó manuais e percutores.

#### 46. João Pardo.

Povoado. Pré-história.

Vestígios de habitat pré-histórico com cerâmicas manuais, elementos de mó manuais e percutores.

#### 47. S. Miguel da Serra.

Achados dispersos. Pré-história.

Escassas cerâmicas manuais e percutor.

#### 48. Caixeiro.

Achados dispersos. Pré-história.

Escassas cerâmicas manuais e seixos afeiçoados de quartzito.

#### 49. S. Lourenço.

*Uilla*. Época romana.

Vestígios de habitat romano com cerâmicas de construção e comuns, mós circulares e blocos de granito afeiçoados.

## 50. Zambujeira 1.

Achados Dispersos. Pré-história.  
Elementos de mós manuais.

## 4. Conclusões

Como se referiu anteriormente, a grande maioria dos sítios (47) foi identificada e referenciada no PDM. Exceptuam-se a anta da Cabeça da Ovelha, registada e escavada por Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1914), a Torre de Camões, publicada como Torre do Álamo (Alarcão, 1988: 154; Saa, 1960: 269) e ainda a Ponte do Chaparral, considerada como romana (Alarcão, 1988). No decurso dos trabalhos já realizados, não foi possível identificar as denominadas “estações lusitano-romanas” que Leite de Vasconcelos afirma ter visitado, em 1914 (Vasconcelos, 1914) designadas como Val da Junça, Horta de S. Pedro, Alcarias e Freixial. No primeiro caso, o topónimo “Valle de Junco” consta na folha 25, do Mapa de Portugal, escala 1: 100 000, editada em 1872, mas não se identificou ainda o local referenciado.

No que diz respeito à Horta de S. Pedro, donde provêm duas lucernas depositadas no Museu Nacional de Arqueologia e referidas noutras publicações (Alarcão, 1988: 154; Almeida, 1953: 41, 208), poderá corresponder a um topónimo, hoje desaparecido, localizado junto à Casa Branca e que aparece no mapa oitocentista, anteriormente referido, como Quinta de S. Pedro; no local, confirmaram-nos ter existido um arco, antigo, actualmente destruído. Poderá, ainda, corresponder ao sítio arqueológico existente à saída de Sousel e parcialmente amputado pela estrada nacional que segue para Fronteira.

Quanto ao Freixial, foi identificado em 1995 um sítio romano (nº 49, S. Lourenço) que se situa a cerca de 1,5km do Monte do Freixial. Em 1914 poderia pertencer à mesma herdade.

Os materiais de bronze depositados no Museu Nacional de Arqueologia com indicação de provirem de Sousel, devem ter sido recolhidos no povoado de S. Bartolomeu, atendendo à sua cronologia e dimensão.

Os trabalhos realizados em 1995 tiveram o mérito de identificar um conjunto de sítios de excepcional valor científico e interesse patrimonial (recinto do Mariano, Castelo de Gusmão e o povoado de São Bartolomeu). Nos anos subsequentes os trabalhos arqueológicos realizados têm sido escassos e inserem-se apenas em contextos de obras ou de processos de Avaliação de Impacte Ambiental.

O caso do povoado de S. Bartolomeu é um dos maus exemplos de protecção ao património por parte das diversas entidades com responsabilidades sobre o património (desde o poder central ao poder local) uma vez que se trata de um sítio referenciado, com inequívoco valor científico e patrimonial, mas que actualmente devido ao progressivo avanço da pedreira, sem quaisquer medidas de minimização prévias, se encontra em perigo (e já parcialmente afectado).

Se é verdade que para se proteger tem que se conhecer, também é verdade que para se proteger tem de se querer.

## 5 Bibliografia

- ALARCÃO, J. (1988) – *O Domínio Romano em Portugal*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- ALMEIDA, J.A.F. (1953) – Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal. *O Arqueólogo Português*. 2, 2ª série. Lisboa, p. 5-208.
- CALADO, M. (1994-1995) – Recintos ciclópicos no Alentejo Central. *A Cidade de Évora*. Évora: pp. 275-286.
- CALADO, M; ROCHA, L. (1996-1997) – Povoamento do Bronze Final no Alentejo Central. *A Cidade de Évora*. Évora: pp. 35-55.
- MATALOTO, R. (2002) – Fortins e recintos – torre do Alto Alentejo: antecâmara da “romanização” dos campos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol.5, n.º1. Lisboa: IPA, pp. 161-220.
- MATALOTO, R. (2005) – Meio Mundo 2: a fortificação calcolítica do Alto de São Gens (Redondo/Estremoz, Alentejo Central). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 8, n.º 1. Lisboa: IPA, pp. 5-19.

SAA, M. (1960) – *As grandes vias da Lusitânia. O itinerário de Antonino Pio*. Lisboa: Tipografia da Sociedade Astória.

VASCONCELOS, J.L. (1914) – Crónica. Excursão Alentejana. *O Arqueólogo Português*. 19, Lisboa, pp. 386-398.

## 5. Imagens



Foto 1. Anta da Cabeça da Ovelha (n.º 14)



Foto 2. *Villa* de Torre de Camões (n.º 39)



ERROR: undefinedresource  
OFFENDING COMMAND: findresource

STACK:

/7  
/CSA  
/7  
/CSA  
-mark-